

ALTERIDADE E EXISTENCIALISMO NO LIVRO DO DESASSOSSEGO DE FERNANDO PESSOA

Marcelo Jorge Pérez¹

RESUMO: O presente trabalho mergulha nas páginas do Livro do Desassossego, na sua condição de livro emparentado com a autobiografia, na busca da relação de Fernando Pessoa com a alteridade. Tema inevitavelmente relacionado à sua vida e obra, já que ele mesmo escolheu ser Outros nas suas profusas páginas mediadas por tantos *alter egos*, mais divulgados como *heterónimos*. Um penteado fino nas suas linhas, no intuito de descobrir antecipações do que Sartre ofereceria ao mundo da cultura – alguns anos mais tarde – como existencialismo. Acreditamos poder desentranhar na obra um Fernando Pessoa em conflito com a possível relação como o Outro. Sua vida voluntariamente(?) ascética, como um ato sacrificial da cotidianidade; numa severa disciplina de educar o espírito e o entendimento para a percepção do mundo e a construção de uma obra que transcendesse a insignificância existencial a que (segundo o seu entendimento) os humanos estamos condenados. Descobrimos, em várias passagens, um Pessoa desgostoso, e até cruel, com a humanidade e consigo próprio. E em outros, um Pessoa a se desmanchar de ternura por um simples gesto de atenção ou condescendência do próximo. Especial atenção foi colocada na dificuldade marcada de encarar o Olhar do Outro, presente de maneira manifesta nesta obra, como antecipando o que, em O ser e o nada, Sartre colocaria como nossa instancia constitutiva do *ser*.

PALAVRAS-CHAVE: Livro do desassossego; Fernando Pessoa; Existencialismo; Alteridade; Outredade.

RESUMEN: El presente trabajo bucea en las páginas del Livro do Desassossego, en su condición de libro emparentado con la autobiografía, en búsqueda de la relación de Fernando Pessoa con la alteridad. Tema inevitablemente relacionado a su vida y obra, ya que él mismo escogió ser Otros en sus profusas páginas mediadas por tantos *alter egos*, más divulgados como *heterónimos*. Un peinado fino en sus líneas, con la intención de descubrir anticipaciones de lo que Sartre ofrecería al mundo de la cultura —algunos años más tarde— como existencialismo. Creemos poder desentrañar en la obra un Fernando Pessoa en conflicto con la posible relación con el Otro. Su vida voluntariamente (¿?) ascética, como un acto sacrificial de la cotidianidad; en una severa disciplina de educar el espíritu y el entendimiento para la percepción del mundo y la construcción de una obra que trascendiese la insignificancia a la que (según se entendimientos) los humanos estamos condenados. Descubrimos, en varios pasajes, un Pessoa disgustado, y hasta cruel, con la humanidad y consigo mismo. Y en otros, un Pessoa a deshacerse de ternura por un simple gesto de atención o condescendencia del prójimo. Especial atención fue colocada en la marcada dificultad de encarar la Mirada del Otro presente de manera manifiesta en esta obra, como anticipando lo que, en El ser y la nada, Sartre colocaría como nuestra instancia constitutiva del *ser*.

PALABRAS-CLAVE: Livro do Desassossego; Fernando Pessoa; Existencialismo; Alteridad; Otredad.

¹ Marcelo Jorge Pérez, doutorando em Letras na UFPE. O presente trabalho foi apresentado para aprovação na disciplina de mestrado: Tópicos do Desassossego, disciplina do mestrado em Letras, ministrado pelo Prof. Dr. Lourival Holanda, em 2015.

1. Introdução

"Cada pessoa tem que escolher
quanta verdade consegue suportar"

Friedrich Nietzsche

Audácia de quem nem meio Caeiro é falar na alteridade dentro do universo do Desassossego de Pessoa, que tantos outros soube ser. A alteridade talvez tenha sido quase uma profissão nele, nessa jogada de xadrez desde as sombras que foi a sua vida. Mistério velado, intencionalmente velado, mas regado de pistas para que o sigamos pena a pena, raciocínio a elucubração, devaneio atrás de outro, sonhos ou semi-sonho, driblando sua frívola advertência aos futuros biógrafos, aos que recebe com falsa modéstia e ironia de estilista:

Se depois de eu morrer, quiserem
escrever a minha biografia, Não há
nada mais simples.
Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte. Entre
uma e outra todos os dias são meus.²

Ele foi vários outros, dotando a cada um de uma obra literária particular a esses temperamentos e às escolhas estilísticas de cada um, deixando para a perspicácia, descobrir qual xibolete seu desabrocha em cada qual. Inimaginável trabalho de auto-ourives às cegas, quase sem a referência determinante do olhar do Outro, presente(?) na sua vida cotidiana, se levamos em conta as noções sobre *alteridade* que Sartre, MerleauPonty, Lévinas produziram depois da sua desapareição.

Os heterônimos criados para abrir ao mundo sua obra poética: Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro (para limitarmo-nos, apenas aos mais prolíficos) supostamente permitiram a Pessoa poder dar vazão criativa às distintas maneiras de perceber a(s) realidade(s), às variantes estilísticas que o tentaram³ e às diferentes sensibilidades que os seus cambiantes estados de espírito ou humor lhe sugeriam.⁴ De

² Fernando Pessoa/Alberto Caeiro; Poemas Inconjuntos; escrito entre 1913-15; publicado em Atena n° 5 de fevereiro de 1925.

³ Poemas próprios que Pessoa considerava “lixo”, mas que tentava resgatar de algum modo, inicialmente pensou em adjudicá-los a Soares, mas depois desistiu de fazê-lo poeta também.

⁴ O próprio Pessoa descreve a arquitetura dessa construção, como um pai ou um Deus: *Dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma.* (PESSOA, p. 34)

sólida formação cultural, parte desta adquirida na África do Sul, na língua inglesa, na qual (e também em francês) trabalhou como tradutor; ávido de entendimento, tanto das ciências quanto das religiões e das artes, seguramente carecia, pela simplicidade de vida que adotara, de um círculo de amigos entre os quais compartilhar as suas reflexões e sensibilidade, como ele mesmo deixou explícito, justificando a geração de seus sócios: “Com uma tal falta de gente coexistível, como há hoje, que pode um homem de sensibilidade fazer senão inventar os seus amigos, ou quando menos, os seus companheiros de espírito?” (PESSOA, p. 88)

E, ainda na mesma página:

“Assim organizar a nossa vida que ela seja para os outros um mistério, que quem melhor nos conheça, apenas nos desconheça de mais perto que os outros. Eu assim talhei a minha vida, quase que sem pensar nisso, mas tanta arte instintiva pus em fazê-lo que para mim próprio me tornei uma não de todo clara e nítida individualidade minha” (PESSOA, p. 88).

Já o semi-heterônimo, Dom Bernardo Soares, o próprio Pessoa “menos o raciocínio e a afetividade”⁵, autor interposto de *O Livro do Desassossego*, dedicou mais de três décadas da sua vida a documentar (também) cada momento em que imaginasse que os futuros biógrafos pudessem vir a carecer de informações. Não apenas isso. *O Livro do Desassossego* (de agora em diante LD) é tudo aquilo que Pessoa, consciente da transcendência que suas letras viriam a ter, sobretudo depois da sua morte⁶, considera útil aportar para a compreensão ou para ajudar na ilustração das batalhas que a sua razão e a sua sensibilidade livraram em extrema solidão, mesmo sem acreditar nessa “sobrevida”⁷. Num fim-começo de século onde as pessoas dessa parte de mundo chamado Ocidente, saindo mansamente da missa, se depararam com o positivismo racionalista que tudo o anterior negava ou reduzia a charlatanaria, como o próprio LD recita:

Pertenço a uma geração que herdou a descrença na fé cristã e que criou em si uma descrença em todas as outras fés. Os nossos pais tinham ainda o impulso credor, que transferiam do cristianismo para outras formas de ilusão. Uns eram entusiastas da igualdade social, outros eram enamorados só da beleza, outros tinham a fé na ciência e nos seus proveitos, e havia outros que, mais cristãos ainda, iam buscar a Orientes e Ocidentes outras formas religiosas, com que

⁵ segundo o próprio Pessoa em carta a Adolfo Casais Monteiro.

⁶ “Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue / o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir / para a evolução da humanidade.” Do poema *Navegar é preciso*.

⁷ “Tudo é absurdo. Este empenha a vida em ganhar dinheiro... Aquele empenha o esforço em ganhar fama, para depois de morto, e não crê naquela sobrevivência que lhe dê o conhecimento da fama” (PESSOA, p. 188).

entretivessem a consciência, sem elas oca, de meramente viver. Tudo isso nós perdemos, de todas essas consolações nascemos órfãos (PESSOA, p. 193).

Vida solitária, quase por escolha estética, pela necessidade de treinar permanentemente sua sensibilidade para criar a obra. Ou por medos de não saber tocar essa vida cheia de mediocridades que é a vida dos humanos que formam família, criam filhos, empreendem negócios, para o “nada existencial”, que parece ser o convencimento de Pessoa, o único destinado possível para a espécie. O que nos levará a verificar sua profunda vocação existencialista, sem que o possamos considerar um existencialista, senão por algum exagero.

Mas não se pode esquecer a leitura de certa literatura fenomenológica. António Pina Coelho, que estuda as fontes e leituras de Pessoa em *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*⁸ mostra que entre as leituras do poeta estava Platão, Aristóteles, Kant e Nietzsche, e é provável que tenha lido pelo menos Kierkegaard.

Visão, ou sentimento, ou ideia do Nada, por exemplo, que em Sartre vem do existir, para Pessoa, em Ricardo Reis, vem da ideia de morte: “Tudo que cessa é morte”.

Ou ainda, seja possível notar as relações entre o poema “Náusea”: “Náusea. Vontade de nada./Existir por não morrer”, de Fernando Pessoa com esse trecho de *A Náusea*, de Sartre: “A Náusea não está dentro de mim: sinto-a além, na parede, nos suspensórios, em toda a parte à minha volta. Constitui um todo com o café; sou eu que estou dentro dela.” (SARTRE, 2005, p. 41). Ou quando o personagem Roquentin⁹ afirma: “A Náusea sou eu” (SARTRE, 2005, p. 216).

Essa valorização do ser e do nada, em Pessoa, alcança esse transcendentalismo mais alto em certa entrevista de Álvaro de Campos no Jornal “Informação”, de 17 de setembro de 1926.

Não escrevi história nem histórias, e por isso, não uso protagonistas a não ser a variedade de pessoas que tenho sido. Nenhuma delas tem existência real, porque nada tem, cientificamente falando, existência “real”. As coisas são sensações nossas, sem objetividade determinável, e eu, sensação também para mim mesmo, não posso crer que tenha mais realidade que as outras cousas.

⁸ COELHO, Antonio Pina. *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*, Vol. I. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

⁹ Antoine Roquentin, o historiador-protagonista em *A náusea*, vive sob estranha sensação de aversão ao ser humano ou à existência, e isso caracteriza a “náusea”, nó romance sartreano.

Sou, como toda gente, uma ficção de intermezzo, falso como as horas que passam e as obras que ficam no rodopio subatômico deste inconcebível Universo.

O LD, também, um exercício de não-escrever histórias (“uma autobiografia sem fatos”¹⁰, disse Pessoa) enquanto livro não concluído, dificilmente classificável dentro de gênero, foi adjetivado como livro-sonho, livro-desespero, antilivro. Não parece metáfora desastrada, interpretá-lo como uma criogenia da alma do autor (ou parte dela que não está no resto da sua obra) que o poeta deixou para que algum dia pudesse vir a ser descongelada com novas concepções e saberes que permitissem compreendê-lo em toda a sua dimensão humana, filosófica e literária.

Há no livro suficientes referências ao Outro ou a singulares formas de *outridade* que podem nos permitir uma visão um pouco mais rica, mais profunda sobre a que viria a ser denominada a questão da Alteridade, algumas décadas depois da morte de Pessoa. Sobre elas paira o existencialismo como um céu quase eternamente cinza escuro.

2. Alternância de humor para julgar-se a si mesmo.

Pessoa justifica seu ascetismo de vida na necessidade de treinar ou educar sua percepção, sua sensibilidade e manter a sua visão do mundo “o menos influenciada” pelos outros. “Há que por limites a irrupção do Outro em nós: Há a cultivar, também, a agilidade contra as intrusões da vida; um cuidado deve couraçar-nos contra sentir as opiniões alheias” (PESSOA, p. 197) Para evitá-lo, cria um espaço-limite onde recebê-los, uma “periferia desprezível da sensibilidade [...] recinto externo da alma consciente” (PESSOA, p. 197).

Esse afastamento lhe permite também, poder ter, o tempo todo, a possibilidade de edificar a sua obra, que ele já imaginava para a posteridade. Sem empecilhos domésticos, fora o de trabalhar com bastante liberdade de horários para ganhar o pouco que necessitava para levar a vida.

Timidez de temperamento, uma abulia endêmica e possíveis faces que decidiu manter ocultas da sua humanidade, talvez justifiquem ou expliquem essa ciclotimia de suas autoapreciações, que vão desde a adjetivação desdenhosa, por vezes desapiedada:

¹⁰ “Narro indiferentemente a minha biografia sem factos, a minha história sem vida”. (PESSOA, p. 22)

Há porcos de destino, como eu... (p. 44) “...este quarto mensalmente alugado onde nada acontece senão viver um morto”,(p. 127) “...a vergonha de fugir para mim, a covardia de ter como vida aquele lixo da alma que os outros têm só no sono,” (p. 127), “Eu não sou nada nem na aldeia nem em Roma nenhuma.”(p.128) “...a minha vida, absurda como um relógio público parado.” (p.128) “...um daqueles trapos húmidos de limpar coisas sujas,”(p.35) “senhor feudal de pântanos à tarde, príncipe deserto de uma cidade de tumultos vazios.”(p.144)” “Sou uma casa viúva, claustral de si mesma (p. 120).

Já em dias ensolarados ou em que a insônia não lhe faz mágoa, ele se resgata pelas suas aptidões literárias ou pela sua inteligência (vocábulo repetido 81 vezes na obra):

É preciso uma prodigiosa inteligência para ter angústia ante um dia escuro. (p. 274) “não teria sido nem esse breve episódio de papel bonito entre migalhas;”(p. 96) “A consciência da inconsciência da vida é o mais antigo imposto à inteligência.” (p. 61) “Só me distingue deles o saber escrever. Sim, é um acto, uma realidade minha que me diferencia deles. Na alma sou seu igual.”(p. 30) “Em sonhos sou igual ao moço de fretes e à costureira.”¹¹(p. 30) “Há suplícios da inteligência como os há do corpo e do desejo. E desses, como dos outros, suplícios há uma volúpia.” (p. 95), “Passos de parágrafos meus há que me arrefecem de pavor, tão nitidamente gente eu os sinto,... Tenho escrito frases cujo som,...é absolutamente o de uma coisa que ganhou exterioridade absoluta e alma inteiramente.” (p. 110) “...dizendo-me até não ser, escrevendo com a alma como tinta, útil para mais nada do que para se escrever com ela.” (P. 131) “Passei, vi e, ao contrário deles, venci. Porque a minha vitória consistiu em ver. Reconheci a identidade de todos os aglomerados inferiores:...” (p. 247) “Poder sonhar o inconcebível visibilizando-o é um dos grandes triunfos que não eu, que sou tão grande, senão raras vezes atinjo” (p. 111).

A autorreferência mais objetiva, belamente construída, de certo encontramos na página 63, “do metro e setenta de altura, e sessenta e um quilos de peso, em que fisicamente consisto, tenho um sorriso grandemente metafísico para os que sonham que o sonho é sonho, e amo a verdade do exterior absoluto com uma virtude nobre do entendimento.”

¹¹ Sobre esse tema é importante lembrar dois pontos: a visão do Outro, e os sonhos do Outro, aqui, são “simples”, em oposição ao Eu, sempre complexo. A imagem nos remete ao poema “Tabacaria”, de Álvaro de Campos, desde o primeiro verso, bem ao modo existencialista, “Não sou nada./Nunca serei nada./Não posso querer ser nada... até aos versos “(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira/ Talvez fosse feliz.)”. Em Bernardo Soares, assim como em Álvaro de Campos, o Outro tem característica inclassificável, aqui moço de fretes e costureira, lá no poema Tabacaria, moço de fretes, escroques, comerciantes, vadios, chefes de família (felizes, diz ele, onde se nota a ironia). Além disso, o Outro se realiza em coisas como vapores, figurinos, manequins, ou ainda sobre algo que não existe: “Cruza as mãos sobre os joelhos, ó companheiro que eu não tenho nem quero ter”. O Outro, Bernardo Soares, é fonte de profundo incômodo, onde não há Outro possível, porque o Eu nesses casos tende a se diluir e escapar, e é justo na linguagem que ele desaparece, parece ser essa a pista que Pessoa deixa, no Livro do desassossego.

Talvez o trecho que melhor ilustra a pendular percepção que Pessoa tem de si mesmo esteja no trecho, onde se insere dentro de uma humanidade sofrente da sua escravidão do destino, mas na figura de porta-voz lúcido de toda essa massa oprimida existencialmente onde se destaca o “vivo mais porque vivo maior”:

Escrevo, triste, no meu quarto quieto, sozinho como sempre tenho sido, sozinho como sempre serei. E penso se a minha voz, aparentemente tão pouca coisa, não encarna a substância de milhares de vozes, a fome de dizerem-se de milhares de vidas, a paciência de milhões de almas submissas como a minha ao destino quotidiano, ao sonho inútil, à esperança sem vestígios. Nestes momentos meu coração pulsa mais alto por minha consciência dele. Vivo mais porque vivo maior. Sinto na minha pessoa uma força religiosa, uma espécie de oração, uma semelhança de clamor. Mas a reação contra mim desce-me da inteligência... Vejo-me no quarto andar alto da Rua dos Douradores, assisto-me com sono; olho, sobre o papel meio escrito, a vida vã sem beleza e o cigarro barato que a expender estendo sobre o mata-borrão velho. Aqui eu, neste quarto andar, a interpelar a vida!, a dizer o que as almas sentem!, a fazer prosa como os génios e os célebres! Aqui, eu, assim... (PESSOA, p. 25).

Seguramente a psicologia conseguiria encontrar pistas, na perda adiantada do pai (aos cinco anos), ou nos anos em que foi criado pelas tias, o desenvolvimento do que ele mesmo descreve várias vezes como aptidão de mãe, na ternura que sente por outros quando o humor assim lhe permite. E não erra; pareceria que só alguém capaz de parir pode alcançar uma altura perceptiva e poética como esta de compreender o que se passa na alma de uma criança:

Os compradores de coisas inúteis sempre são mais sábios do que se julgam - compram pequenos sonhos. São crianças no adquirir. Todos os pequenos objectos inúteis cujo acenar ao saberem que têm dinheiro os faz comprá-los, possuem-nos na atitude feliz de uma criança que apanha conchinhas na praia - imagem que mais do que nenhuma dá toda a felicidade possível. Apanha conchas na praia! Nunca há duas iguais para a criança. Adormece com as duas mais bonitas na mão, e quando lhas perdem ou tiram - o crime! Roubar-lhe bocados exteriores da alma! arrancar-lhe pedaços de sonho! - chora como um Deus a quem roubassem um universo recém-criado (PESSOA, p. 187).

3. O inferno são (também) os outros

Desde a primeira aproximação com o LD, chama a atenção o modo completamente mutante de se referir aos Outros. A ciclotimia ou as irregularidades do quotidiano explicam mais facilmente a percepção cambiante que a gente tem de si mesmo, no que podemos chamar de “estados de ânimo”; mas a opinião ou imagem que temos dos outros, fora aqueles com os quais convivemos e, portanto, envolvemo-nos afetivamente

em situações de conflito, geralmente, num adulto, respondem a uma visão de mundo minimamente homogênea. Por vezes, Soares manifesta um desprezo de tom aristocrático sobre as pessoas – querendo dizer A humanidade. E a maioria das vezes, como num raptó de rubor pelo seu azedume e crueldade, acaba se incluindo. Como naquela de que se serve para criticar, com uma arguta tacada literária a duas bandas, o romantismo: “A maior acusação ao romantismo não se fez ainda: é de que ele representa a verdade interior da natureza humana?” (LD, p. 50) ou “Levo comigo... um tédio de nojo, uma angústia de exílio entre aranhas e a consciência súbita do meu amarfanamento entre gente real; a condenação de ser vizinho igual... espreitando com nojo, ... o lixo alheio que se entulha à chuva no saguão que é a minha vida.”(PESSOA, p. 196). Mas nem sempre a sua inclusão igualitária na humanidade soa sincera, uma ironia burlona retorna à atitude depreciativa, como uma piedade com rictos de cinismo, muito clara no trecho abaixo:

Irrita-me a felicidade de todos estes homens que não sabem que são infelizes. A sua vida humana é cheia de tudo quanto constituiria uma série de angústias para uma sensibilidade verdadeira. Mas, como a sua verdadeira vida é vegetativa, o que sofrem passa por eles sem lhes tocar na alma,... Por isto, contudo, os amo a todos. Meus queridos vegetais! (PESSOA, pp. 196/197)

Outras vezes nem piedade nem cinismo: “Tenho a náusea física da humanidade vulgar, que é, aliás, a única que há. E capricho, às vezes, em aprofundar essa náusea, como se pode provocar um vômito para aliviar a vontade de vomitar.” (PESSOA, p. 57)

4. O corpo, o rosto, o olhar

Descartes, Hegel, Husserl, Heidegger, Sartre foram incrementando degraus de uma escala de pensamento, uma filosofia. O *Outro* foi aparecendo como janela à luz, lá onde as cogitações ontológicas trancavam-nos no solipsismo, o *Outro* passou a representar, dentro de nós, o local onde podia iluminar-se a difícil alquimia do ser. Cada um foi aportando seu fósforo, do *em-si* ao *para-si*, da (segundo Sartre) genial intuição de Hegel, de estabelecer a relação de dependência do Outro em meu ser. “Él [o Outro] no podría ser puesto en duda sin dudar yo de mí mismo, puesto que la conciencia de sí es real solamente en tanto que conoce su eco (y su reflejo) en Otro”. (a citação dentro da citação é de Hegel, em (SARTRE, 1954, p.153)

O Outro, determinou-se assim, como sendo: “el término ex-céntrico, que contribuye a la constitución de mi ser”. (SARTRE, 1954, p157)

Sartre (reduzindo temerariamente estas inquisições, pela extensão limitada deste artigo) é quem vai consolidar a formulação de que a existência do Outro, que não posso negar nem na sua ausência, substitui com vantagens o *cogito* Cartesiano. O seguinte desafio foi tentar descrever como se realiza o caminho, o contato, a comunicação (e consequente presença determinadora) com o Outro. Seu aporte se baseia na análise que desempenham *O corpo, o rosto, o olhar*, nessa participação, intrusão e conflito, nessa alienação da minha liberdade que representa no meu *em-si*, o corpo, o rosto, o olhar do Outro¹².

Visitemos o seguinte parágrafo de *El ser y la nada*, como síntese em que Sartre define a importância do olhar na alteridade como constitutiva do *ser no mundo*, para depois ver como isso, de variadas maneiras, aparece intuído, driblado ou esmagando o espírito de Pessoa:

El “ser-visto-por-otro” es la verdad del “ver-al-otro”. Así, la noción de prójimo no podría, en modo alguno, apuntar a una conciencia solitaria y extra mundana que no puedo ni siquiera pensar, pues el hombre se define con relación al mundo y con relación a mí: es ese objeto del mundo que determina un derramarse interno, una hemorragia interna; es el sujeto que se me descubre en esa huida de mí mismo hacia la objetivación. Pero la relación originaria entre el prójimo y yo no es solo una verdad ausente apuntada a través de la presencia concreta de un objeto en mi universo; es también una relación concreta y cotidiana de la que hago la experiencia en todo momento, pues en todo momento el prójimo me mira: nos es fácil, pues, intentar, con ejemplos concretos, la descripción de esa relación fundamental que debe constituir la base de toda teoría del prójimo; si el prójimo es, por principio, aquel que me mira, debemos poder explicitar el sentido de la mirada (SARTRE, p. 164).

Seria a percepção disso que fazia a Pessoa temer tanto “... ser forçado a um contato com outrem...”? até o ponto de sentir “...uma angústia difícil de definir.” No LD confessa que a pura ideia antecipada de um evento social qualquer – um jantar, um enterro, uma reunião – à que deva assistir, lhe “estorva os pensamentos de um dia, e às vezes é desde a mesma véspera...” (PESSOA, p. 47)

¹² “la negación que constituye al prójimo es directa, interna y reciproca; además incide y penetra a cada conciencia en lo más profundo de su ser; el problema se plantea en el nivel del ser íntimo, del yo universal y trascendental; dependo en mi ser esencial del ser esencial del prójimo, y, lejos de que haya de oponerse mi ser para mí a mi ser para otro, el ser para-otro aparece como una condición necesaria de mi ser para mí mismo.” (SARTRE, 1954, p.153)

5. Ver, olhar é preciso; viver não é preciso.

Uma presença marcante no LD é o Pessoa (ou o Soares) “*olhador*” profissional, ele mesmo descreve que prefere não viver, mas ver, como ilustram algumas citações anteriores. E ele mesmo percebe o quanto de transcendente acontece olhando: “... porque ver é complexo como tudo.” (p. 34) O parapeito da janela vira amurada de um navio em que viaja longinquamente pela paisagem, a partir do retalho que sua perspectiva permite. E é recorrente a insistência com que Pessoa decide *com-* fundir os verbos *ver* e *sonhar*, no que sempre sugere a ideia de trabalho de percepção sensorial e fluxo da consciência reflexiva: “ver é talvez sonhar, mas se lhe chamamos ver em vez de lhe chamarmos sonhar, é que distinguimos sonhar de ver.” (p. 63) E paradoxalmente, em conflito ao conceito de *viver*, como uma imagem da distinção do ser *em-si* do *para-si*.

A busca metafísica em Pessoa, nestes indícios de que falamos: persuadem de que ele pretendia ver, perceber, partindo da observação com atenção e deixando esta sumir aos poucos, até alcançar um olhar sem ver, algo semelhante na maneira de “ler” nesses livrinhos de imagens 3D, que inundaram as livrarias no fim do século XX, em que para ver a imagem contida, é necessário um difícil treinamento até conseguir focar nossa visão mais além ou aquém da página, como querendo “ver” o que está “por trás” ou “por baixo” do papel impresso. Pessoa, assim, pretendia alcançar: “o segredo, a verdade, a ventura talvez, que houvesse em não sei quê que tem por baixo a vida” (PESSOA, p. 144).

Mas, apesar de que o termo *outro*, em singular e plural, se manifeste na ordem de três vezes por página, em LD, jamais encontra(mos) o *olhar* do outro. Pessoa observa, se inspira, para seus devaneios literários, no clima, na paisagem, no seu livro de assentos ou no tinteiro; mas as pessoas, ele vê, descreve, entra nelas (e isto raramente), do alto da janela, pelas vozes, por um detalhe do vestido, mas muito raramente, pelo rosto, pelo olhar. Ele evita – timidez ou prudência –, essa ameaça à própria liberdade, porque reveladora de que fora dele há o mundo, há esse novo *dasein*. E Pessoa parece um eterno temeroso dessa possibilidade de *mitsein* possível.

Como revelando certa consciência de que é o olhar do Outro o que invade obrigando-nos a sair do eu, Pessoa entra nas pessoas pelas costas. Revelador desta observação é o episódio duma banal viagem no “elétrico”, elucubrações originadas num detalhe da gola do vestido:

e estou reparando lentamente, conforme é meu costume, em todos os pormenores das pessoas que vão **adiante de mim**...Neste vestido da rapariga que vai em minha frente...E imediatamente,... desdobram-se diante de mim as fábricas e os trabalhos – ...as secções das fábricas, as máquinas, os operários, as costureiras, **meus olhos virados para dentro**, penetram nos escritórios, vejo os gerentes ...os livros, a contabilidade de tudo; **vejo, para além**, as vidas domésticas ...Todo o mundo se me desenrola aos olhos só porque tenho diante de mim, abaixo de **um pescoço moreno, que de outro lado tem não sei que cara**... Toda a vida social **jaz a meus olhos**. (destacados nossos) (PESSOA, p. 188).

Pelas costas também penetra – ou melhor –: se imiscui na “alma” de um transeunte. E se a frase de Leonardo da Vinci, hoje ditado popular: “os olhos são as janelas da alma”, Pessoa é um perscrutador traíçoeiro, ou uma espécie de radiologista:

Descendo hoje a Rua Nova do Almada, reparei de repente nas costas do homem que a descia adiante de mim. Eram as costas vulgares de um homem qualquer ... senti de repente uma coisa parecida com ternura por esse homem. Senti nele a ternura que se sente pela comum vulgaridade humana, pelo banal quotidiano do chefe de família que vai para o trabalho, pelo lar humilde e alegre dele, pelos prazeres alegres e tristes de que forçosamente se compõe a sua vida, pela inocência de viver sem analisar, pela naturalidade animal daquelas costas vestidas. Volvi os olhos para as costas do homem, janela por onde vi estes pensamentos (PESSOA, p.61).

Ou ainda, no escritório da Rua dos Douradores: “Tenho ternura, ternura até às lágrimas, pelos meus livros de outros em que escrito, pelo tinteiro velho de que me sirvo, pelas costas dobradas do Sérgio” (p. 26). E nem ele mesmo escapa de esse ser esquadrihado desse modo, no que parece, ao mesmo tempo, a divagação da própria consciência tentando decifrar o ser, ou o significado do que *ser* queira dizer. Ou ainda, um devaneio de poder sair-se do seu eu, ou desdobrar-se num perscrutador quase divindade: “... o que em mim verifica isto está por detrás de mim, como que se debruça sobre o meu encostado à janela, e, por sobre os meus ombros, ou até a minha cabeça, fita, com olhos mais íntimos que os meus...” (PESSOA, p. 43).

O segundo predicativo da frase de da Vinci é “o espelho do mundo”, mas Pessoa nem nos espelhos confia: “...a minha aversão adulta pelo meu aspecto me compeliu sempre a escolher o espelho como coisa para onde virasse as costas” (p. 246).

Mas Ops! O que é que estamos a dizer? Como que não encara os olhares? Até que em fim, nos olhos da moça, Pessoa (ou Soares) descobre o *mitsein*, a sua confirmação no olhar do semelhante, e a Sartre antecipadamente(?):

Fito-a sem saber se vejo [...] Ela aperta a primavera contra o seio e os olhos com que me fita são tristes. Sorri com brilho [...] e as cores da sua face são

encarnado, [...] Tem uma boca recortada e quase pequena por sobre cuja expressão...os olhos me fitam sempre com uma grande pena. O braço que segura as flores lembra-me o de alguém. O vestido ou blusa é aberto num decote ladeado. Os olhos são realmente tristes: fitam-me [...] com uma verdade qualquer. Ela veio com a primavera. Os seus olhos tristes são grandes, mas nem é por isso...Atravesso a rua e volto-me com uma revolta impotente. Ela segura ainda a primavera que lhe deram e os seus olhos são tristes como o que eu não tenho na vida [...] Há em olhos humanos [...] uma coisa terrível: o aviso inevitável da consciência, o grito clandestino de haver alma [...] os olhos tristes da vida toda, [...] fitam-me como se eu soubesse de Deus (PESSOA, p. 33).

Desculpe o leitor esta aparente trela. Foram surrupiadas, nas reticências, as informações que abaixo, no prosseguir da citação, revelarão que não fala do que emerge do texto assim dividido. Não foi feito por traquinice, mas apenas para permitir expressar com efeito a linha de pensamento que vinha sendo trabalhada; raciocínio inspirado na impressão espontânea surgida na primeira leitura:

A gravura tem um calendário na base [...] por sobre 1929, com vinheta obsoletamente caligráfica cobrindo o inevitável primeiro de Janeiro, os olhos tristes sorriem-me ironicamente.

É curioso de onde, afinal, eu conhecia a figura. No escritório há, no canto do fundo, um calendário idêntico, que tenho visto muitas vezes. Mas, por um mistério, ou oleográfico ou meu, a idêntica do escritório não tem olhos com pena. É só uma oleografia... (PESSOA, p.33).

Como intuindo estes possíveis comentários, nas linhas seguintes, Pessoa mostra até que ponto percebe esse abismo que se abre no olhar do Outro, e o quanto, tudo isso está relacionado com essa procura metafísica que o atormentava:

Quero sorrir de tudo isto, mas sinto um grande mal-estar. Sinto um frio de doença súbita na alma. Não tenho força para me revoltar contra esse absurdo. **A que janela para que segredo de Deus me abeiraria eu sem querer?** Para onde dá a montra do vão de escada? Que olhos me fitavam na oleografia? Estou quase a tremer. Ergo involuntariamente os olhos para o canto distante do escritório onde a verdadeira oleografia está. Levo constantemente a erguer para lá os olhos (Destacado nosso) (PESSOA, p. 33)¹³.

Também tem a ver com o olhar o episódio da fotografia tirada no escritório com seus companheiros de trabalho. O olhar dele próprio, mais uma vez, não é condescendente com a sua imagem exterior. Procura-a no grupo fixado na placa, confessando que nunca teve uma “ideia nobre da minha presença física, mas nunca a senti tão nula como em comparação com as outras caras, tão minhas conhecidas, naquele alinhamento de quotidianos”. Ao parecer há sete pessoas na foto, nesse “insulto do conjunto”, e o seu

¹³ No fim do trabalho, em anexo, o trecho na íntegra.

desgosto é não achar nada, “nem inteligência, nem intensidade... que a alce da maré morta das outras caras”. E aqui faz uma exceção para o padrão Vasques, num dos vários comentários elogiosos que faz a mais ninguém no livro.

A nenhum *Outro* descreve com interesse e detalhes: “... rosto prazenteiro e duro, o olhar firme, o bigode rígido completando. A energia, a esperteza do homem...” (Todos os trechos destes dois parágrafos, pp. 52/53)

6. O afeto, e a relação com o Outro

Quando Sartre descreve a impossibilidade de aceder à subjetividade do Outro, na medida em que eu entro no Outro e vice-versa, mediante a objetivação e a negação mútua de essa objetivação, destaca que as tentativas de driblar essa barreira são: o amor, a linguagem, o masoquismo, a indiferença, o sadismo e o ódio. Todas, segundo ele, são ruas sem saída porque nenhuma consegue evitar a objetivação para aceder à consciência do Outro.

Mas elas permeiam, senão todas, a imensa maioria das relações humanas.

No Pessoa do LD, o amor se limita a duas tentativas ocorridas na adolescência, em que gozou “a dor da humilhação de amar” (p.111) e agradece ter-lhe acontecido tão cedo “essa experiência da desilusão”. (p.111) Isso justificaria a sua posterior dedicação “exclusiva” aos devaneios da arte, que ao dizer de Borges *entreteje naderías?* A modo de consolação: “As ficções da minha imaginação (posterior) podem cansar, mas não doem nem humilham” (PESSOA, p. 111).

Pessoa por várias vezes “se dói” da sua falta de afetos. Eis aqui um apanhado apenas ilustrativo:

fui sempre, para todos, um intruso... um estranho... fui sempre sentido como alguém de fora...em toda a parte e por todos, tratado com simpatia...(256) Reconhece que pouquíssimas vezes lhe tenham: “erguido a voz, ou franzido a testa, ou falado alto ou de terça. Mas a simpatia, com que sempre me trataram, foi sempre isenta de afeição... fui sempre um hóspede, que, por hóspede, é bem tratado, mas sempre com a atenção devida ao estranho, e a falta de afeição merecida pelo intruso...as afeições nunca chegam. Dedicções nunca as conheci. Amarem, foi coisa que sempre me pareceu impossível, como um estranho tratar-me por tu...Órfão da Fortuna, tenho, como todos os órfãos, a necessidade de ser o objecto da afeição de alguém. Passei sempre fome da realização dessa necessidade...Com isto ou sem isto a vida dói-me. (256/257) O narrador: “vá para a cama da vida sem sono, sem companhia nem sossego, no fluxo e refluxo da minha consciência misturada... (PESSOA, p. 39).

Mas compreende que esse tratamento se adequa a: “qualquer obscura causa intrínseca ao meu próprio temperamento. Sou porventura de uma frieza comunicativa, que involuntariamente obriga aos outros a refletirem o meu modo de pouco sentir.” (p. 256). Ou, ainda, mais próximo dessas estratégias enviesadas de (não)chegar no Outro de que falávamos algumas líneas acima: “Vivi entre eles espião, e ninguém, nem eu, suspeitou que eu o fosse. Todos me tinham por parente: nenhum sabia que me haviam trocado à nascença. Assim fui igual aos outros sem semelhança, irmão de todos sem ser da família.” (PESSOA, p. 258)

Poeticamente mais doces, as do lar perdido das tias onde morara pouco tempo, porém, únicas em que a noção de lar soa a aconchego:

E, de repente [...] a casa velha das tias antigas alberga, fechada contra o mundo, o chá das dez horas sonolentas, e o candeeiro de petróleo da minha infância perdida brilhando somente sobre a mesa de linho... Reabsorvo-me, perco-me em mim, esqueço-me a noites longínquas, impolutas de dever e de mundo, virgens de mistério e de futuro (PESSOA, p. 38).

...ou as tias velhas, a cuja mesa eu tome, no fim de uma noite de família, um chá que me saiba a repouso (PESSOA, p. 51).

Parágrafo à parte merece sua descrição da presença do patrão Vasques na sua vida, como já foi mencionado:

Será, talvez, porque não tenho próximo de mim figura de mais destaque do que o patrão Vasques, que, muitas vezes, essa figura comum e até ordinária se me emaranha na inteligência e me distrai de mim. Creio que há símbolo. Creio ou quase creio que algures, em uma vida remota, este homem foi qualquer coisa na minha vida mais importante do que é hoje (PESSOA, p. 27).

Ou palavras que lembram a relação constitutiva de identidade “amo-escravo” de que falava Hegel:

Todos temos o patrão Vasques, para uns visível, para outros invisível. Para mim chama-se realmente Vasques, e é um homem sadio, agradável, de vez em quando brusco mas sem lado de dentro, interesseiro mas no fundo justo, com uma justiça que falta a muitos grandes gênios e a muitas maravilhas humanas da civilização, direita e esquerda (PESSOA, p. 26).

Admiração por ser “homem de ação”, referente masculino de criança que cresceu sem pai, homoafetividade presa? As pistas são variadas e divergentes, descreve ao patrão Vasques como a um homem atraente e/ou carismático, e ao mesmo tempo, fútil e banal:

O patrão Vasques... estatura média, atarracado, grosseiro com limites e afeições, franco e astuto, brusco e afável – chefe...mãos cabeludas e lentas veias marcadas como pequenos músculos coloridos...pescoço cheio mas não gordo...as faces coradas e ao mesmo tempo tensas, sob a barba escura sempre feita a horas. Vejo-o, vejo os seus gestos de vagar enérgico, os seus olhos a pensar para dentro coisas de fora, recebo a perturbação da sua ocasião em que

Ihe não agrado, e a minha alma alegre-se com o seu sorriso, um sorriso amplo e humano, como o aplauso de uma multidão.
Ah, compreendo! O patrão Vasques é a Vida. A Vida, monótona e necessária, mandante e desconhecida. Este homem banal representa a banalidade da Vida. Ele é tudo para mim, por fora, porque a Vida é tudo para mim por fora (PESSOA, p. 27).

Vasques é também o outro de quem sente saudades antecipadas:

O patrão Vasques. Lembro-me já dele no futuro com a saudade que sei que hei de ter então. Estarei...numa casa pequena...Ou... num asilo de mendicidade...Seja onde estiver, recordarei com saudade o patrão Vasques...e a monotonia da vida quotidiana será para mim como a recordação dos amores que me não foram advindos, ou dos triunfos que não haveriam de ser meus (PESSOA, p. 27).

E a dubiedade, numa possível confissão velada de concreção do desejo – pela polissemia do verbo *ter* – na expressão: “desde os deuses que **tive** ao patrão Vasques que também **tive**, tudo vai no outono, tudo no outono, na ternura indiferente do outono. Tudo no outono, sim, tudo no outono...” (PESSOA, p. 27).

Para o dinamismo de qualquer arte narrativa, conta mais a ação da personagem que o “fluxo da sua consciência”. No meio destas confissões, dependentes do seu humor cambiante, a maioria muito alambicadas e filtradas de reflexão, há dois relatos de situações bem possivelmente autobiográficas que ilustram melhor a importância do Outro na sua vida. Seu lidar com os outros é tão frangível, que toda sua pendular percepção da humanidade, geralmente permeada de certo enjoo, pode virar pelo avesso e encher seu humor de fogos artificiais, apenas com uma frase que transluz um pouco de atenção vinda do Outro, tão frequente nas pessoas humildes. O criado que o serve na casa de pasto “interpreta” a garrafa de vinho que Pessoa deixara “em meio” e o saúda com um atencioso: “Até logo, Sr. Soares, e desejo as melhores.”, este detalhe insignificante faz Pessoa magnificar o evento e sair da cantina como criança que levam ao circo, e imediatamente generalizar e ufanar-se do seu carisma (com estas pessoas que mantêm contato superficial):

Ao toque de clarim desta frase simples a minha alma aliviou-se como se num céu de nuvens o vento de repente as afastasse. E então reconheci o que nunca claramente reconhecera, que nestes criados de café e de restaurante, nos barbeiros, nos moços de frete das esquinas, eu tenho uma simpatia espontânea, natural, que não posso orgulhar-me de receber dos que privam comigo em maior

intimidade, impropriamente dita¹⁴... A fraternidade tem subtilezas (PESSOA, p. 32).

Episódio semelhante é quando o moço que trabalha no escritório anuncia que volta para a sua terra natal. É compreensível e normal uma pena pela perda de um colega de trabalho com o qual tem se convivido algum tempo, várias horas, todos os dias. Mas na maneira em que o manifesta o texto, percebe-se a marca profunda da ausência de vida familiar, notem-se os destacados para o antes mencionado processo do olhar sartreano e para a intensidade com que a partida é sentida. Num ateu fortemente anticlerical, e por escrito, a interjeição *Meu Deus*, repetida, incomum na obra, perde sua força de vício de linguagem e parece expressar a sua forte emoção com o evento¹⁵. Interessante também a autocensura (contradita) que sugere o “*sem mim*”, mas são os olhos habitantes do coração?:

[...] o chamado moço do escritório,... Foi-se hoje embora. No corredor, encontrando-nos casuais para a surpresa esperada da despedida, dei-lhe eu um abraço timidamente retribuído, e tive contra-alma bastante para não chorar, como, em meu coração, desejavam **sem mim** meus olhos quentes. Cada coisa que foi nossa, ainda que só **pelos acidentes do convívio ou da visão**, porque foi nossa **se torna nós**. O que **se partiu** hoje, pois, para uma terra galega que ignoro, não foi, para mim, o moço do escritório: foi uma parte **vital, porque visual e humana**, da **substância** da minha vida. Fui hoje diminuído. Já não sou bem o mesmo. O moço do escritório foi-se embora... Hoje a **tragédia** é visível pela falta, sensível por não merecer que se sinta. **Meu Deus, meu Deus**, o moço do escritório foi-se embora (PESSOA, pp. 179/180).

7. O existencialismo de Pessoa leva por nome Outono

El remordimiento

He cometido el peor de los pecados que un hombre puede cometer. No he sido feliz. Que los glaciares del olvido me arrastren y me pierdan, despiadados. Mis padres me engendraron para el juego arriesgado y hermoso de la vida, para la tierra, el agua, el aire, el fuego. Los defraudé. No fui feliz. Cumplida no fue su joven voluntad. Mi mente se aplicó a las simétricas porfías del arte, que entreteje naderías.

Me legaron valor. No fui valiente. No me abandona. Siempre está a mi lado la sombra de haber sido un desdichado.

¹⁴ Repare-se a impressão de poluição adjudicada a palavra *intimidade*, logo “esterilizada” com a locução *impropriamente dita*.

¹⁵ Bem pode ser que os usos do português do Brasil atual, tornem estas opiniões extemporâneas.

“Sim, esta Rua dos Douradores compreende para mim todo o sentido das coisas, a solução de todos os enigmas, salvo o existirem enigmas, que é o que não pode ter solução.” (PESSOA, pp.18/19)

Motivações de timidez, baixa autoestima, carências ou traumas gerados na infância e adolescência, seus estudos em internados de Durban, – imaginando os métodos disciplinares da época e a possível acolhida entre seus colegas anglófonos –, aparecem como um aspecto psicológico a se levar em conta, na edificação da sua relação com o Outro. Porém, não explicam *per se*, se não levamos em conta sua forte concepção existencialista, desde a qual, a própria vida é um gás de duvidosa estabilidade. Este existencialismo exacerbado permeia todo o desassossego do livro homônimo.

Apenas um trecho de Soares-Pessoa, para encerrar este trabalho, pela beleza da sua confecção. É de se imaginar as lágrimas a escorrer mansamente pelo rosto estrábico e desolado de Sartre, depois de tê-lo lido, muito inclinado na sua cadeira de leitura, e Simone, oportunamente em pé, detrás dele, a alisar os seus cabelos poucos e lisos, com paciência e ternura pessoana.

Sim, passaremos todos, passaremos tudo. Nada ficará do que usou sentimentos e luvas, do que falou da morte e da política local. Como é a mesma luz que ilumina as faces dos santos e as polainas dos transeuntes, assim será a mesma falta de luz que deixará no escuro o nada que ficar de uns terem sido santos e outros usuários de polainas. No vasto redemoinho, como o das folhas secas, em que jaz indolentemente o mundo inteiro, tanto faz os remos como os vestidos das costureiras, e as tranças das crianças louras vão no mesmo giro mortal que os cetros que figuraram impérios. Tudo é nada, e no átrio do Invisível, cuja porta aberta mostra apenas, defronte, uma porta fechada, bailam, servas desse vento que as remexe sem mãos, todas as coisas, pequenas e grandes, que formaram, para nós e em nós, o sistema sentido do universo. Tudo é sombra e pó mexido, nem há voz senão a do som que faz o que [o] vento ergue e arrasta, nem silêncio senão do que o vento deixa. Uns, folhas leves, menos presas de terra por mais leves, vão altas do rodopio do Átrio e caem mais longe que o círculo dos pesados. Outros, invisíveis quase, pó igual, diferente só se o víssemos de perto, faz cama a si mesmo no redemoinho. Outros ainda, miniaturas de troncos, são arrastados à roda e cessam aqui e ali. Um dia, no fim do conhecimento das coisas, abrir-se-á a porta do fundo e tudo o que fomos - lixo de estrelas e de almas - será varrido para fora da casa, para que o que há recomece (PESSOA, p. 136).

Referências

- COELHO, Antonio Pina. **Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa**, Vol. I. Lisboa: Editorial Verbo, 1971,
- PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Companhia das Letras. Organização Richard Zenith. (Versão digital)
- _____. “Tabacaria”. **Obra poética**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 362-366.
- SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- _____. **El ser y la nada**, 3 vols., Iberoamericana, Buenos Aires, 19461, 2a ed., 1954 (Versão digital).

Anexo:

Citação completa do trecho da página 33, prometida na nota 13 de rodapé:

25.

É uma oleografia sem remédio. Fito-a sem saber se vejo. Na montra há outras e aquela. Está ao centro da montra do vão de escada¹. Ela aperta a primavera contra o seio e os olhos com que me fita são tristes. Sorri com brilho do papel e as cores da sua face são encarnado, O céu por trás dela é azul de fazenda clara. Tem uma boca recortada e quase pequena por sobre cuja expressão postal os olhos me fitam sempre com uma grande pena². O braço que segura as flores lembra-me o de alguém. O vestido ou blusa é aberto num decote ladeado. Os olhos são realmente tristes: fitam-me do fundo da realidade litográfica com uma verdade qualquer. Ela veio com a primavera. Os seus olhos tristes são grandes, mas nem é por isso. Separo-me de defronte da montra com uma grande violência sobre os pés. Atravesso a rua e volto-me com uma revolta impotente. Ela segura ainda a primavera que lhe deram e os seus olhos são tristes como o que eu não tenho na vida. Vista à distância, a oleografia tem afinal mais cores. A figura tem uma fita de cor de mais rosa contornando o alto do cabelo; não tinha reparado. Há em olhos humanos, ainda que litográficos, uma coisa terrível: o aviso inevitável da consciência, o grito clandestino de haver alma. Com um grande esforço ergo-me do sono em que me molho e sacudo, como um cão, os húmidos da treva de bruma. E por cima do meu desertar, numa despedida de outra coisa qualquer, os olhos tristes da vida toda, desta oleografia metafísica que contemplamos à distância, fitam--me como se eu soubesse de Deus. A gravura tem um calendário na base. É emoldurada em cima e em baixo por duas réguas pretas de um convexo chato mal pintado. Entre o alto e o baixo do seu definitivo, por sobre 1929 com vinheta obsoletamente caligráfica cobrindo o inevitável primeiro de Janeiro, os olhos tristes sorriem-me ironicamente.

É curioso de onde, afinal, eu conhecia a figura. No escritório há, no canto do fundo, um calendário idêntico, que tenho visto muitas vezes.

Mas, por um mistério, ou oleográfico ou meu, a idêntica do escritório não tem olhos com pena. É só uma oleografia. (É de papel que brilha e dorme por cima da cabeça do Alves canhoto o seu viver de esbatimento.)

Quero sorrir de tudo isto, mas sinto um grande mal-estar. Sinto um frio de doença súbita na alma. Não tenho força para me revoltar contra esse absurdo. A que janela para que segredo de Deus me abeiraria eu sem querer? Para onde dá a montra do vão de escada? Que olhos me fitavam na oleografia? Estou quase a tremer. Ergo involuntariamente os olhos para o canto distante do escritório onde a verdadeira oleografia está. Levo constantemente a erguer para lá os olhos.

